

**plásticos
em revista**



Dezembro/2015 - Janeiro/2016

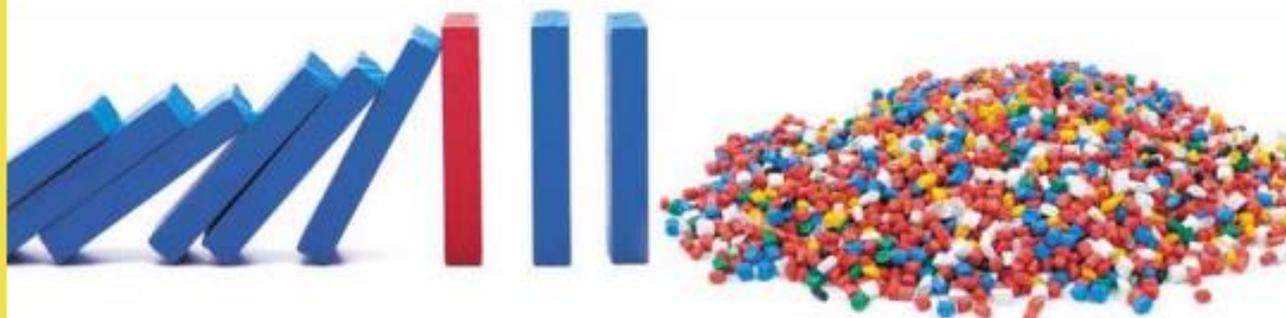
Nº 621

E AGORA?

**APÓS PENAR NO ANO
PASSADO, O SETOR
PLÁSTICO ENCARA O SALTO
NO ESCURO DE 2016**

PROTEÇÃO SOLAR
Um oásis à flor da pele
para embalagens

PETROQUÍMICA
Indústria global sente
a nova tortura chinesa



O efeito dominó

Não dá para flexibilizar a lei da oferta e da procura

Pergunta para os universitários: o que é maior? A quantidade de indicadores negativos na economia ou o prontuário de escândalos e roubalheira no governo? 2015, na voz corrente dos analistas, é um flagelo que ainda não acabou, pois a crise dele transposta prossegue piorada este ano. No mato sem cachorro como toda a indústria brasileira, o setor nacional de resinas, como mostra esta reportagem, cava abrigo da calmaria nas exportações vitaminadas pelo câmbio e, no mercado interno, espreita mais frentes de atuação para a travessia de um ano encarado, já na largada, com pé atrás por meio mundo.

POLIETILENO

"Em 2015, vimos o mercado recuar aos patamares vistos entre 2012 e 2013", situa Edison Terra, diretor do Negócio de Polietileno (PE) da **Braskem**, único produtor da poliolefina no país. Apesar dos pesares, ele conta, a empresa pendurou alguns troféus na parede. "Reforçamos os laços com a transformação, sobretudo por meio do programa PicPlast e aumentamos a participação de mercado com ações

como o lançamento de 10 grades para filmes, sopro, rotomoldagem, injeção e tubos". Do lado dos transformadores, Terra afirma ter presenciado entre eles em 2015 o peso da crise na adoção de mais cuidados e critérios para decidir investimentos e operações que impactam

apostando em subida dos preços zerando apostando em queda) ou 'travas' de preço (vender transformado a preço fixo) é algo que precisa ser muito bem avaliado pelo transformador".

Terra atribui a PE importado um naco aproximado de 30 % do mercado interno



Higiene pessoal e tampas de carbonatados: mercados na mira de novas grades de PEAD.



no capital de giro. "Evidente que, com a escassez de crédito, algumas empresas tiveram dificuldades e optaram por reestruturar suas dívidas", assinala. A tônica para este ano, ele julga, não deve mudar. "Há sempre mais risco num cenário volátil", pondera. "Por exemplo, tomar posição com estoque (formar estoques

em 2015, participação considerada por ele dentro do padrão habitual. "Esperamos aumentar nossa presença em 2016 mediante parcerias com a cadeia, a exemplo de desenvolvimento de aplicações, lançamento de produtos diferenciados e incentivo às exportações de artefatos". Em relação às suas exportações de PE,

Terra concorda que o câmbio é mão na roda e ressalta a penetração da Braskem na América do Sul. "Com a queda dos preços do petróleo, a nafta (rota dominante nas centrais petroquímicas da empresa) segue com ganhos de competitividade em preço perante o gás natural, o que nos deixa bem posicionados para continuar a acelerar as exportações devido à retração do Brasil". Em paralelo, Terra salienta o empenho da Braskem em ajudar a tirar as exportações brasileiras de transformados da pequenez de costume.

Para subir os glóbulos da demanda doméstica de PE, Terra tira vários ases da manga. "Estamos alinhados com novas aplicações capazes de elevar o consumo da resina em 2016, caso de mulching para cultivo de café e abacaxi, da manta expandida para isolamento acústico em construções e dos flutuadores para placas fotovoltaicas geradoras de energia solar nos reservatórios de hidroelétricas", ele acena. Na estera do portfólio de grades, Terra engatilha a entrada em campo este ano de mais resinas lineares metalocênicas para stretch e tipos de alta densidade (PEAD) para sopro de frascos melhor acabados de higiene & beleza, para o processo injection blow e para tampas mais resistentes para bebidas carbonatadas como refrigerantes.

POLIPROPILENO

O jorro de novidades agendadas para este ano também é denso na seara de polipropileno (PP) da Braskem. Walmir Soller, diretor do Negócio de PP do grupo, brande tacadas como ráfia em sacaria para sementes tratadas, náotecido na proteção de frutos, baldes de tintas residenciais, chapas substitutas de madeira na car-



Terra: consumo de PE nos níveis de quatro anos atrás.

roceria de carretas, divisórias para transporte de bebidas e aumento do uso de fibras de PP como reforço de concreto e no lugar de amianto em telhas.

Tanto agito faz parte da estratégia para acordar um mercado que, na varredura de Soller, desceu aos degraus de cinco anos atrás. "A cadeia do plástico e a Braskem já passaram por momentos críticos e

sempre souberam enfrentar juntos as adversidades", coloca. "Isso passa também pela inovação, permitindo a busca de mais mercados e aplicações, além de estimular as exportações de transformados, uma forma também de alguns setores lidarem melhor com a sazonalidade da demanda interna".

Soller se esquivava de precisar volumes, mas afirma que, reflexo do encolhimento do consumo brasileiro, as importações de PP recuaram em 2015 versus 2014. "Com o câmbio volátil e mercado mais restrito, os transformadores tenderão a uma postura mais conservadora em relação assumir riscos com impor-

tação de resina este ano", ele antevê. Em contraponto, demonstra, as exportações embaladas pelo dólar nas nuvens e fatores como oferta limitada de PP nos EUA prenunciam dias claros para os embarques de resina da Braskem até dezembro. "Além do mercado sul-americano como destino natural, existem no exterior oportunidades em especial nos EUA, México e Europa", atesta Soller. Ele estende seu otimismo às exportações brasileiras de transformados (veja em Ponto de Vista à pág. 45), empoleiradas no câmbio e nos ombros de programas como PicPast e Think Plastic Brasil. "Os transformadores precisam se reinventar, pois a mudança de cenário foi muito brusca", vaticina o diretor. "A demanda caiu na maioria dos segmentos, elevando a ociosidade da transformação. As alternativas são diminuir o parque instalado ou mantê-lo ativo através da busca de novas aplicações e/ou mercados. Milagre não existe".

PVC

Para o bem ou para o mal, o destino de PVC está nas mãos do governo. Quem decide o jogo do balanço do vinil é a



Minha Casa, Minha Vida: atrasos nos pagamentos vergaram a construção civil.

construção civil, setor dependente até o talo da transfusão de linhas de crédito e verbas do Erário para obras prediais e de infraestrutura. Erosão, empobrecimento das famílias, saques: em penca das cadernetas de poupança, pé no freio do financiamento e investimentos, diluição da confiança do consumidor e das empresas e atrasos nos pagamentos do Programa de



Bartilotti: consumo nacional de PVC deve cair mais este ano.

Aceleração do Crescimento (PAC) e Minha Casa, Minha Vida. Esse coquetel de nitroglicerina e monóxido de carbono é a nada sutil explicação do **Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo** para concluir que o setor nacional engoliu em 2015 os sapos da queda de 8% e do fechamento de quase meio milhão de postos de trabalho. Do lado da cadeia plástica, a situação no período chegou ao ponto de fabricantes relevantes de tubos entrarem em recuperação judicial e o Brasil ter virado exportador de PVC, após anos a fio dependendo de portentosas importações complementares do polímero. "A parcela da resina de fora desceu em 2015 abaixo de 10% do consumo brasileiro que, por sua vez, voltou ao patamar de 2010", constata Américo Bartilotti Neto, diretor do Negócio de Vinílicos da **Braskem**, maior produtor nacional de PVC e única fonte de eteno para a concorrente **Solvay Indupa** formular seu vinil no país.

"Em princípio, o mercado em 2016 caminha para ser ligeiramente menor que o de 2015 e, com isso, deveremos elevar as exportações da resina". A propósito, ele encaixa, o volume embarcado em 2105

"foi suficiente para obter uma operação do vinil viável do ponto de vista econômico". Bartilotti também prevê recuo ainda mais intenso das importações do polímero este ano. "Volatilidade cambial e queda da demanda complicaram o equacionamento financeiro da cadeia, levando o transformador brasileiro a recorrer a uma solução de matéria-prima mais rápida de conseguir e de menos riscos operacionais e em termos de capital".

Apesar de o mercado ter voltado aos andaimes de 2010, a Braskem manda ver em desenvolvimentos para ajudá-lo a recobrar forças. Entre os destaques na boca do túnel da Braskem para 2016, o di retor acena com inovações nos redutos de telhas, pisos e perfis de PVC.

POLIESTIRENO

Na ponta do lápis, a capacidade nominal brasileira de poliestireno (PS) bate de frente com a demanda interna. Na prática, porém, o excedente costuma ser suavizado pela ênfase dada pelos produtores nas vendas do monômero ou,

copolímero de acrilonitrila butadieno estireno (ABS) no mix do seu complexo de estireno/PS no polo gaúcho.

Lirio Parisotto, presidente da Videolar-Innova, não faz segredo de que seu negócio primordial é estireno. Foi por esta razão, declarou em 2014, que adquiriu a Innova da Petrobras pelo montante total estimado por ele em R\$1,3 bi. A propósito, o dirigente prefere não se manifestar sobre o impacto do câmbio e recessão na parcela que tomou de financiamento para incorporar a petroquímica baseada em Triunfo. Retomando o fio e sem abrir volumes, Parisotto enxerga o consumo brasileiro de PS estabilizado há muitos anos. "Esperamos para 2016 um consumo muito próximo do aferido em 2015". Na garupa do câmbio favorável ele embarca no coro da petroquímica nacional em busca de alívio nas exportações da demanda doméstica inerte. "Exportamos 8% da nossa produção de PS em 2015 e pretendemos incrementar essa participação das vendas externas nos resultados deste ano", adianta.



EPS e ABS: Videolar-Innova desponta na produção sob drástica queda no consumo.

sacada abraçada pela **Videolar-Innova**, o aproveitamento de parte do potencial disponível para PS para a formulação de outros estirênicos. No caso, a iniciada produção do polímero expansível (EPS) e a anunciada entrada em 2016 do

Boa parte de sua atenção está centrada no ingresso em EPS e ABS. Quanto ao expandido, ele reitera não ver dificuldade em escoar a produção sem abalar os negócios dos produtores locais de EPS, clientes do estireno da Videolar-

-Innova. Com capacidade de 20.000 t/a do expandido, ele assegura estar focado em arrebatar terreno das importações. Na lupa da **Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim)**, as importações de



Parisotto: consumo de PS estabilizado há anos.

EPS murcharam da ordem de 50.000 toneladas em 2014 para 41.000 em 2015. No compartimento de ABS, Parisotto, cujo plano original era produzir o estirênico na sua planta de PS em Manaus, informa estar convertendo para tanto a linha da resina de alto impacto disponível no complexo em Triunfo. No pano de fundo, porém, após pairar pelo menos três anos na órbita de 80.000 toneladas, as importações brasileiras de ABS despencaram para a casa de 60.000 em 2015, atesta a Abiquim. O câmbio inibidor e a retração generalizada nas aplicações desse polímero sem similar nacional não prenunciam melhora em seus desembarques até segunda ordem.

A **Unigel**, outra força nacional em PS e estireno, em flerte no passado com a produção de ABS em sua planta no Guarujá (SP), despontou como fonte do monômero para o escanteado projeto da planta de 100.000 t/a de ABS na Bahia, a cargo da Braskem e Styrolution. Wendel Oliveira de Souza diretor de Negócio da Unigel, deixa claro que o trabalho e a expectativa em torno do aumento de sua capacidade de estireno na Bahia não cai no vazio. "Continuamos a avaliar a realização desse projeto de expansão, considerando a existência de mercado doméstico para absorver nosso volume incremental de estireno em substituição

às importações".

No mercado de PS, Souza reitera que, mesmo tendo a Unigel religado em setembro último sua unidade de 120.000 t/a em São José dos Campos (SP), o



Souza: exportações respaldam religamento de fábrica da Unigel.

cenário doméstico de PS não é de sobre oferta. "Não entramos em guerras concorrenciais insanas", pondera. "Traçamos e implantamos, em dois anos de trabalho, um plano de vendas externas com definição de volumes e margens suficientes para justificar a repartida da fábrica. "Mapeamos mercados no exterior e homologamos nossos produtos em potenciais clientes". No arremate, o diretor afiança já colher os frutos dessa investida internacional, azeitada pela valorização do dólar.

Num rasante por PS no Brasil em 2015, Souza descreve uma paisagem de



Yogurte: mercado brasileiro é um terço do argentino.

terra arrasada pela recessão. No reduto da linha branca, na qual geladeiras são prata da casa para o polímero, Souza repassa a estimativa setorial de queda de 15% nas vendas do ano passado com previsões de

reprise este ano. Laticínios, trincheira de PS em embalagens, também acusaram queda em 2015, mas em intensidade menor, percebe o diretor da Unigel, martelando a tecla de que, apesar de tudo, ainda há muito espaço para crescer. O consumo brasileiro de iogurte, exemplifica, "é três vezes inferior ao da Argentina, um país em crise econômica pior que a nossa". No mais, apregoa otimista, "prevemos boa demanda para PS este ano em descartáveis e bandejas para alimentos, por estarem diretamente ligados ao consumo de bens primários".

PET

A **Petroquímica Suape (PQS)** traçou em 2015 um divisor de águas no mercado de PET e é candidata a protagonizar outra reviravolta em 2016. No ano passado, em meio ao excedente doméstico e internacional do poliéster, a empresa partiu seu segundo e último trem de produção em Pernambuco, elevando assim a capacidade nominal brasileira da resina, da ordem de 1.000.000 t/a, a um andaime cerca de 50% acima da demanda local. Nos estertores de janeiro deste ano, a Petrobras, controladora da PQS, ventilou na mídia a intenção de vender seus ativos no setor petroquímico entre as decisões para tentar recobrar o caixa da petroleira, ressequido pela descida da ladeira do preço do barril, pelos rombos do propinoduto e por um modelo de gestão em que lucro foi declarado não ser prioridade. O descompasso entre oferta e demanda interna de PET não sobressalta Margareth Feijó Brunnet, diretora superintendente da PQS. "A partida da segunda linha de 225.000 t/a representa um passo fundamental na consolidação da empresa e deverá conferir-lhe considerável flexibilidade de produção e melhoria em seus indicadores de performance e competitividade". A



PetroquímicaSuape: capacidade brasileira de PET sobe enquanto o consumo tropeça.

dirigente também sublinha a atual participação aproximada de 50% da PQS na capacidade brasileira de PET, completada pelo complexo vizinho de 550.000 t/a da M&G. Nesse cenário, por sinal, a PQS destaca-se ainda como a única produtora de um ingrediente-chave de PET, também sob superoferta global, o ácido tereftálico purificado (PTA), por obra da unidade de 700.000 t/a do intermediário em suas instalações em Suape.

O excedente de PET, deixa claro Margareth, leva as empresa a apoiar iniciativas de desenvolvimento de mercado, através de mais aplicações nas quais o poliéster enxote materiais concorrentes. "Transparência, leveza e custo serão fatores determinantes para PET ser escolhido como solução de embalagem", ela sustenta. No arremate, a dirigente pondera que, num país onde a oferta da resina supera com folga a demanda interna, "é razoável supor que as importações sejam apenas marginais e concentradas em produtos especiais sem contrapelo local. Se somarmos

a isso um câmbio apreciado, teremos uma participação ainda mais irrelevante do polímero do exterior". Quanto às importações



Theresa Moraes: trava na arrancada de PET em sucos.



brasileiras de pré-formas, cujo histórico ronda a faixa de 100.000 t/a, Margareth não discerne mudanças na conjuntura. "Tratam-se de remessas originárias de países da região (Cone Sul) sustentadas pela compra de PET com alíquota zero de importação, compensando assim, em boa parte, a alta do dólar vigente no Brasil". Em contrapartida, ela ressalta, na

garupa do câmbio, a aceitação da resina da PQS no exterior, mérito da excelência em atributos como propriedades ópticas e mecânicas. "O principal destino de nossas exportações tem sido o mercado norte-americano", ilustra.

A diretora superintendente da PQS reconhece o panorama adverso para transformadores de plástico, em especial a parcela que ingressa em 2016 mais descapitalizada que um ano antes. "Essa situação exigirá otimizações de custos, eficiência operacional e, em especial, muita criatividade do empresariado".

Theresa Moraes, gerente comercial da subsidiária brasileira da italiana M&G, vai ao âmago do drama em PET sem doar a pilula. Crise e anemia financeira dos transformadores do poliéster, ela coloca, "implicam a diminuição este ano de investimentos, projetos de desenvolvimentos e de novas linhas de produtos, situação notada desde o início de 2015". A retração,

ela salienta, está impedindo o aumento da presença de PET em mercados como sucos e leite longa vida. Sem descer a pormenores, Theresa confirma o intento de aumentar suas exportações e, endossando o ponto de vista de Margareth Brunnet, julga que a entrada em campo da PQS, com seus dois trens, já reduziu o poder de sedução das pré-formas importadas.